

LAJEADO, TO, 5 DE OUTUBRO DE 2001

*Senhor Governador Siqueira Campos; Senhor Governador Joaquim Roriz; Senhores Ministros aqui presentes; Doutor Jorge Queiroz; tanta gente tão importante, tão trabalhadora, tanta gente boa já nominadas e outras que não foram nominadas ainda; esse grande povo de Tocantins; Senhoras e Senhores,*

Quero explicar ao Governador a razão pela qual falo de improviso. Não é que fale de improviso, eu leio o discurso antes. Mas quando estava lendo o discurso, vi que tudo que ia dizer já foi dito. Essa é a minha diferença com o Fidel Castro, ele vai lá e fala sozinho. Aqui, o nosso Fidel é o Siqueira Campos quando discursa, hoje é o segundo que ouço dele e nas duas vezes me emocionei. Emocionei-me pensando, recordando, a Constituinte. Recordando a batalha do Siqueira Campos, nem sempre compreendida, para criar este Estado de Tocantins. E vi o quanto a vontade determinada como a dele, sintonizada com o País, com a sociedade, com a população faz para transformar para melhor este País. Ele tem razão.

Ele fez aqui, no Tocantins, com muita gente. Ninguém faz nada sozinho, mas com a liderança, com a inspiração, com a tenacidade dele, aquilo que nós precisamos fazer em muitas outras partes do Brasil, neste Brasil imenso. Tomara nós possamos chegar logo a um dia em que seja possível dizer: vamos depressa criar outros estados sem estarmos preocupados, como ainda estamos, com os custos, com os gastos, porque o certo é criar estados. O certo é disseminar por este Brasil afora formas de administração, formas de controle social e político mais próximas da população. O Tocantins é um exemplo.

Se eu vim, hoje, aqui, mais uma vez, e é a terceira como disse há pouco, que visito essa usina em Lajeado, é porque ela me entusiasma. É aí, Governador, que a sua vontade, a sua generosidade, o seu empenho contaminam. Ao ouvir o Doutor Jorge Queiroz falando, ao sentir o agradecimento sincero dele ao que recebeu aqui no Tocantins, se percebe porque as coisas dão certo. O que é o entusiasmo do Siqueira, do povo de Tocantins, encontrou no Brasil brasileiros com capacidade e competência técnica, como é o caso do Grupo Rede, como é o caso do Jorge, dos seus colaboradores, dos meus compatriotas de São Paulo, da nossa universidade. É por isso que nós, hoje, temos uma tecnologia própria, nossa, que nos permite fazer, em matéria de hidroeletricidade, o que nós quisermos sem estarmos preocupados com divisas. É essa junção entre uma vontade poderosa, uma motivação forte, com uma competência técnica que permitiu essa rapidez nesta obra.

Mas eu também quero dizer o que já foi dito. Essa obra não seria feita só pelo Siqueira, nem só pelo Doutor Jorge. Ela precisava, também, dos outros investidores. Brasília se juntou aqui. O Governador Roriz é modesto, mas é rico e ele tem 20% desta obra. Brasília se juntou aqui porque sabe que há uma parte da energia produzida aqui que vai beneficiar a própria cidade de Brasília. E ainda que não soubesse, pelo amor que o Governador Roriz tem a esse rincão, que é o rincão dos antepassados dele também, como dos meus também, ele se juntaria a esta obra. E era preciso financiar, e para financiar fomos buscar o Investico, um grupo estrangeiro, fomos buscar a EDP, fomos buscar,

portanto, apoiadores que pudessem dar condições materiais para a realização da obra.

Mais, se não houvesse no Brasil uma administração pública brasileira, uma capacidade instalada, se o Estado brasileiro não fosse um Estado competente, ao contrário do que muita gente diz e propaga, também esta obra não sairia, porque não é só a vontade do Presidente da República. A vontade do Presidente sozinha é como a vontade do Siqueira sozinho: se ele não encontra um ambiente propício, não avança. Nós conseguimos, pois há um país que tem história, que tem uma administração pública que avançou no decorrer dos séculos, e hoje tem competência. Há competência na Eletrobrás, há competência na Aneel, na Organização Nacional do Sistema, há competência instalada no setor elétrico. É a junção de tudo isso que permitiu esta obra com essa rapidez.

Mas esta obra é apenas um exemplo, porque o próprio Governador Siqueira e o Doutor Jorge também mencionaram uma série de outras obras, que eu não sei todas de cor. Peixe vai ser a próxima a vir. Mas são 10 mil megawatts nos próximos anos, rapidamente, sobre Tocantins. E ao se juntarem essas outras mais, o Tocantins virou mar, virou mundo e, realmente, inundou o Brasil de eletricidade, de energia, de força de vontade para ir para frente. Vamos sim fazê-las. As licitações, e por aí vai.

Nós temos programado, só em matéria de hidreletricidade, para os próximos dois, três anos, mais de 6 mil megawatts. Nós temos programado em matéria de termoeletricidade outro tanto. Nós temos programado em energia eólica, em biomassa, mais uns 2 mil megawatts. Somando tudo isso dá pelo menos 16 mil megawatts até 2003, que vão se juntar aos 75 mil megawatts de que o Brasil já dispõe hoje.

Podemos, portanto, dizer que estamos enfrentando a crise de energia com decisão. A crise é ruim, mas o que mais assusta não é a crise, é a incapacidade de enfrentar a crise. O Brasil está enfrentando com competência essa crise. Vai vencer essa crise. Vai vencer essa crise como vencerá quaisquer crises que se abatam sobre nós, à condição de nós mantermos, como mantermos, a crença no país, a crença no povo, a nossa coesão, a nossa determinação e a capacidade de sonhar.

Eu não tenho a facilidade verbal do Siqueira de citar, como ele citou, versos tão pujantes, tão tocantes. Mas o que ele disse é certo. Essa junção do sonho. O sonho, hoje, não pode ser apenas, e aqui não foi, um sonho retórico, ele tem que ser também um sonho que se transforma em projetos, em programa, que se transforma numa visão do Brasil. E nós temos uma visão do Brasil. Quando aqui foi referido que nós juntamos alguns dos eixos de desenvolvimento que estão no Norte e no Centro-Oeste, sabemos que não estão por acaso. Estão porque nós temos uma visão de integração do Brasil, porque nós temos a noção da nossa responsabilidade histórica, de ampliar os espaços nacionais, de mantê-los, cada vez mais, dignos de serem vividos pelo povo e de fazer com que eles sejam integrados, da Amazônia, que nós prestamos uma imensa atenção à Amazônia, ao Centro-Oeste do Brasil.

É verdade, Siqueira, que me empenhei pessoalmente pela Amazônia e pelo Centro-Oeste, tenho razões para isso. Poderia alegar razões até biográficas – minha mãe nasceu em Manaus e meus ancestrais paternos são de Goiás. Mas não foi por isso. Qualquer brasileiro teria o mesmo sentimento que eu, embora não tivesse as origens amazônicas ou do Centro-Oeste. Teria porque sabe, como qualquer brasileiro consciente, da importância do Brasil, que nós temos que integrar mais e mais o nosso país, torná-lo mais e mais coeso, torná-lo mais apto a responder aos desafios do mundo contemporâneo. Não nos fechando com medo do mundo. Não. Preparando-nos para integrarmo-nos ao mundo, mas integrarmo-nos ao mundo de acordo com os nossos interesses, o quanto possível, e colocando os nossos interesses firmes em todas as mesas de negociação, como nós temos feito. Não fazendo o farisaísmo de que vamos ficar autárquicos porque assim ninguém nos toca. Ninguém nos toca, mas nós fenecemos.

O mundo hoje não pode viver mais no isolamento. A nossa coragem tem que ser de outro tipo, tem que ser a coragem daqueles que sabem o que fazer; que sabem que o País tem recursos para fazer; que não têm medo de enfrentar os olhos do mundo, porque têm consciência tranqüila de que cada passo que estão dando está sempre motivado

por uma concepção de Brasil, que é esse que foi dito pelo Siqueira, de uma cultura, de uma civilização e não só de um mercado. De uma cultura e de uma civilização que têm na democracia, na convivência racial, no respeito ao outro bases fundamentais, até porque são bases biológicas nossas, de um povo mestiço, como é o povo brasileiro: composto de tantas raças, que tem orgulho da sua mestiçagem e que não a esconde, como outros povos do mundo fazem.

É por isso que nós estamos, Siqueira, com tranqüilidade, mas com firmeza entrando, como você disse, nesse terceiro milênio com convicção. Com muita convicção. Eu sei que há dificuldades. Quem não sabe? Quem não sabe que os dias de hoje são dias, eu diria, até agônicos? E que, às vezes, muitas vezes, se liga a televisão com medo de saber o que aconteceu, e onde. Mas, apesar de ser verdade, há outras verdades mais. A principal é a nossa autoconfiança.

Eu gostaria que todos os brasileiros tivessem a oportunidade que eu tenho, como Presidente da República, de andar pelo Brasil. Ainda agora, terça-feira desta semana, eu estive em Tabatinga, lá no meio da Amazônia, entre Brasil e Colômbia. Uma rua – separa não – une o Brasil com a Colômbia. É a mesma rua. Metade dela é Brasil, metade é Colômbia. Lá no meio da Amazônia. Naquele meio da Amazônia, existe um hospital que visitei, um hospital militar, onde há telemedicina. Onde esses oficiais que lá servem, todos que lá trabalham, civis ou militares, servem a toda a população indígena, população brasileira, população colombiana, civil e militar. Ao se tirar uma chapa do pulmão lá, se o médico tiver dúvida, remete essa chapa para um centro hospitalar do Sul do Brasil ou dos Estados Unidos, onde seja, e faz uma consulta rápida, e se posiciona para melhor atender a população local.

Lá, no meio da Amazônia, está disponível de graça o coquetel para combater a Aids. Não sei se algum país do mundo tem a extensão que o Brasil tem. Quem vê essa realidade brasileira, quem vê, como vi ainda agora, também, recentemente, faz 15 dias, estive lá no interior, ou menos, de Alagoas para lançar um programa chamado Bolsa-Alimentação, para ver a cidade que devia ser a mais pobre do

sertão de Alagoas, e ver que lá já nasceu a esperança. Ver que lá cada família já tem um pequeno auxílio, mas já tem o auxílio dado pelo Governo Federal. E às vezes vem apoio do governo municipal e às vezes do governo estadual.

A Bolsa-Escola, a Bolsa-Alimentação, a bolsa para tirar a criança do trabalho forçado, a bolsa para o velho, a quantia de dinheiro que o idoso, com mais de 67 anos, cuja família não tem renda o suficiente, recebe. Isso tudo, no seu conjunto, significa hoje mais de 20 bilhões de dólares que, em dinheiro, os brasileiros e as brasileiras estão recebendo, sem intermediação política, com cartão magnético, na maior parte das vezes, diretamente. Isso corresponde a uma enorme proporção, a duas terças partes do imposto de renda pago no Brasil.

Então, quando alguém perguntar o que se faz com o dinheiro do contribuinte, pelo menos isso posso dizer com tranquilidade, dois terços da contribuição daqueles que estão um pouquinho melhores do que os outros são diretamente transferidos como o maior programa de distribuição de renda que já foi montado na história do Brasil.

Esta obra que aqui está, de cimento, de aço, de energia, de capacidade tecnológica, das fábricas que conheço também, tanto a Bardella quanto a Voith Siemens, da capacidade brasileira de produzir. Esta obra é muito importante, mas ela só tem significado, como tem, porque ela está sendo feita a partir de um impulso de um Brasil que é um Brasil novo, que é um Brasil que sabe que está plantando as bases para um futuro de maior igualdade. Igualdade não se constrói com discurso retórico, igualdade se constrói com trabalho, honestidade, seriedade e perseverança. É isso que nós estamos fazendo no Brasil. É isso que juntos nós estamos fazendo no Brasil. Sem discriminação de qualquer espécie.

E quantas vezes eu fui criticado, porque nas transferências de verbas federais eu não olho se o governador ou o prefeito é desse ou daquele partido. E quantas vezes eu fui instado por companheiros meus a controlar um pouco essa questão de dar, automaticamente, recursos para os “nossos inimigos”. Nossos inimigos!? Eu dou para o povo. O povo não é inimigo de ninguém, é o povo que merece essa atenção. Se alguém usa

mal os recursos, seja aliado ou seja adversário, este alguém deve pagar pelo mau uso que faz desses recursos. Mas o povo é que não pode pagar a culpa que não tem; pagar pela incapacidade eventual de algum administrador. Não há de ser, portanto, por um pré-julgamento do Governo Federal que vamos fechar torneiras para este ou para aquele.

Podera eu abrir mais torneiras de recursos, mais as abriria, porque confio no povo brasileiro e porque sei que, progressivamente, com a descentralização administrativa, com as parcerias que nós estamos fazendo, com os governos estaduais, com os governos municipais, com as organizações não-governamentais de todo tipo, com as igrejas, com os sindicatos. Com isso, nós estamos criando uma nova sociedade. São só sementes. Não é uma realização, são só sementes. Não sou megalomaniaco, nem gosto de ver as coisas róseas. Sei das dificuldades. Mas sei também que, se nós não sonharmos, como sonhou Siqueira um dia em ter o Estado do Tocantins, se nós não tivermos a capacidade de, antes das coisas existirem, começar a ver no horizonte como elas vão ser, se nós não tivermos essa capacidade de imaginar e a generosidade de acreditar no outro, nós não saímos do lugar. E quem não sai do lugar, no mundo de hoje, está andando para trás.

Um país que tem umas empresas como essas que se juntaram aqui para fazer essa obra, que tem uma sociedade como a sociedade tocantinense, que tem governantes como os mencionados, que tem energia para avançar, não tem por que temer e ficar parado. Vai avançar. Qualquer que seja a dificuldade, nós temos a serenidade, a tranqüilidade de dizer: eu confio no Brasil. E a prova dessa confiança está aqui, aos olhos dos Senhores, aqui à nossa frente, essa realização admirável.

Também agradeço. Agradeço a todos que trabalharam aí, aos engenheiros, aos empresários, aos trabalhadores, aos funcionários. E posso lhes dizer que está escrito aqui, nessa magnífica parede à nossa frente, aquilo que é o ato de confissão mais forte que alguém possa fazer. Aqui está dito uma só coisa: eu acredito no Brasil, eu acredito no povo brasileiro! É isso que essas turbinas dizem.

Muito obrigado.